

Nominalizações de evento/processo e nominalizações de resultado: diferenças estruturais¹

Event/process nominalizations and result nominalizations: structural differences

Déborah Christina de Mendonça Oliveira
UnB

Abstract

Within the class of nominalizations, there is a binary distinction between event/process nouns and result nouns. In English, event nouns have argument structure but result nouns do not. However, in Portuguese, both nouns (event/process and result) have argument structure. We observe that event/process nouns establish argumental relations as transitive verbs do. Consequently, they can express an internal argument and an external one. Result nouns, on the other hand, can only express an internal argument as inacusative verbs do. Considering this fact, this study discusses the argumental properties of event and result nominalizations in Brazilian Portuguese. Finally, we present evidences for the postulation of different structures for these nouns.

Keywords

argument structure; event/process nouns; nominalizations; result nouns; structural differences.

Resumo

Existe dentro da classe das nominalizações uma distinção binária entre nomes de evento/processo e nomes de resultado. Em inglês, nomes de evento mapeiam argumentos na estrutura sintática, mas nomes de

resultado não. Entretanto, em português, os dois tipos de nome (evento/processo e resultado) podem mapear argumentos na estrutura sintática. Observa-se que os nomes de evento/processo, por um lado, estabelecem relações argumentais semelhantes às dos verbos transitivos. Conseqüentemente, esses nomes podem expressar um argumento interno e um externo. Nomes de resultado, por outro lado, podem expressar somente um argumento interno semelhantemente aos verbos inacusativos. Considerando-se tal fato, o presente estudo discute as propriedades argumentais das nominalizações de evento e de resultado no português do Brasil. Por fim, apresentamos evidências para a postulação de estruturas diferentes para esses nomes.

Palavras-chave

diferenças estruturais; estrutura argumental; nomes de evento/processo; nomes de resultado; nominalizações.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central verificar as diferenças observadas no mapeamento da estrutura argumental de nominalizações de evento/processo e de nominalizações de resultado no português do Brasil.

Estudos anteriores (BASÍLIO, 1980; ABNEY, 1987; GRIMSHAW, 1990) afirmam que as nominalizações são ambíguas por permitirem ora uma interpretação verbal, propriedade das nominalizações de evento/processo, conforme exemplo em (1), ora uma interpretação nominal, propriedade das nominalizações de resultado, conforme exemplo em (2).

- (1) O planejamento da reforma da catedral preocupa os engenheiros.
- (2) O planejamento das aulas está na pasta branca.

Como se pode observar, o nome *planejamento* em (1) remete ao processo de planejar algo; ao contrário, em (2) o nome *planejamento* refere-se ao resultado do evento de planejar. Dessa forma, pode-se afirmar que existe dentro da classe das nominalizações uma distinção binária entre nomes de evento/processo e nomes de resultado.

A ambigüidade dessa classe de nomes se deve ao fato de estarem em relação paradigmática com verbos, o que os permite retomar o evento expresso pela forma verbal.

A literatura (ABNEY, 1987; GRIMSHAW, 1990) tem apontado que, no inglês, essa distinção é marcada entre outras formas na estrutura argumental. Por um lado, nomes de evento/processo mapeiam argumentos na estrutura sintática e, por outro, nomes de resultado não apresentam tal propriedade, podendo apenas apresentar modificadores, como exemplificado a seguir:

- (3) Reconstruction of the village will take several months.
- (4) The reconstruction can be destroyed in the fire.
- (5) Peter's reconstruction can be destroyed in the fire.

No exemplo (3), o nome *reconstruction* apresenta características de um nome de evento, com a expressão de um dos argumentos, mas em (4) e (5) apresenta características de um nome de resultado, sem o mapeamento de argumentos na sua estrutura sintática. O genitivo *Peter's* em (5) não representa o argumento externo, esse elemento é interpretado como um possessivo, ou seja, um modificador.

Observa-se, no entanto, que, no português do Brasil, tal distinção não se apresenta, visto que ambos os tipos de nomes podem mapear argumentos na estrutura sintática,² como apresentado adiante na seção 3 deste trabalho.

Observa-se, ainda, que nominalizações de evento/processo estabelecem relações argumentais da mesma forma que verbos transitivos, podendo selecionar ambos os argumentos, o que sugere para esses nomes uma estrutura do tipo transitiva. Ao contrário, nominalizações de resultado apresentam certas restrições quanto à saturação simultânea de ambos os argumentos, o que sugere para esses nomes uma estrutura do tipo inacusativa.

Com base nisso, o presente trabalho tem como objetivo discutir as propriedades argumentais das nominalizações de evento/processo e das nominalizações de resultado no português do Brasil, bem como apresentar evidências para a postulação de estruturas distintas para tais nomes.

A nossa conclusão caminha em direção à formulação de uma estrutura transitiva para nominalizações de evento/processo e de uma estrutura inacusativa para nominalizações de resultado, de forma a captar as diferenças observadas entre esses dois tipos de nominais.

O trabalho está organizado em cinco seções: a seção 2 se destina a discutir as nominalizações em inglês a fim de contrastar com o comportamento das nominalizações em português, a seção 3 apresenta uma proposta de minha autoria para o mapeamento argumental das nominalizações em português, a seção 4 trata das diferenças estruturais entre os dois tipos de nominalizações no português e, por fim, a seção 5 traz as conclusões preliminares da presente análise.

2. O MAPEAMENTO DA ESTRUTURA ARGUMENTAL DAS NOMINALIZAÇÕES EM INGLÊS

Como afirmado na introdução, a distinção entre nomes de evento/processo e nomes de resultado no inglês é, muitas vezes, definida em termos da estrutura argumental desses nomes.

Abney (1987) aponta uma diferença entre nomes de processo e nomes de resultado. Segundo o autor, nomes de processo denotam ações e eventos, nomes de resultado denotam objetos.

Grimshaw (1990) estabelece uma distinção entre nomes de evento (*complex event nominals*) e nomes de resultado (*result nominals*). De acordo com os referidos autores, a estrutura argumental só é preservada nos nomes de evento, os nomes de resultado não mapeiam argumentos.

Considerem-se os exemplos (6) e (7):

- (6) a. [Examination of the students] will take several hours.
b. *[Examination] will take several hours.

- (7) a. *[The examination of the students] was printed on pink paper.
b. [The examination] was printed on pink paper.

O nome *examination* em (6) denota um evento, assim a estrutura argumental deve ser preservada como em (6a). Em (7), o nome *examination* denota um objeto concreto, assim os argumentos não devem ser mapeados, como demonstra a agramaticalidade ilustrada no exemplo (7a).

No inglês, tal distinção pode ser observada a partir de alguns testes organizados por Grimshaw (1990), os quais permitem verificar a diferença de comportamento sintático entre nomes que denotam eventos complexos e nomes que denotam objetos. Os testes propostos por Grimshaw (1990) retomam, em alguns pontos, observações de Abney (1987). Segundo a autora, nomes de evento, por um lado, não podem ser pluralizados nem podem ocorrer com demonstrativos ou com artigos indefinidos; por outro lado, nomes de resultado podem ser pluralizados e sempre requerem um determinante, como ilustram os exemplos (8) e (9):

- (8) a. They studied the/an/one/that assignment.
b. They observed the/*an/*one/*that assignment of the problem.
c. The assignment of the problem too early in the course always causes problems.
- (9) a. The assignments were long.
b. *The assignments of the problems took a long time.
c. Assignment of difficult problems always causes problems.

Os estudos considerados apontam para um diagnóstico claro sobre as diferenças de comportamento sintático entre os dois tipos de nominalizações no inglês.

3. O MAPEAMENTO DA ESTRUTURA ARGUMENTAL DAS NOMINALIZAÇÕES EM PORTUGUÊS

Em português, tanto nominalizações de evento/processo quanto nominalizações de resultado podem mapear argumentos na estrutura sintática, como demonstrado nos exemplos (10) e (11) a seguir:

- (10) A grande oferta [de dinheiro] causou espanto.
(11) A grande oferta [de dinheiro] já foi depositada em um banco.

Como se pode observar, o exemplo (10) apresenta uma nominalização de evento, pois o nome *oferta* remete-se ao ato de ofertar, a sentença poderia ser parafraseada da seguinte forma: *O fato de ofertarem uma grande quantia de dinheiro causou espanto*. O exemplo (11) apresenta uma nominalização de resultado, nesse caso *oferta* é interpretada como a quantia em dinheiro depositada no banco. Observa-se nas duas estruturas a presença do argumento [*dinheiro*], o qual poderia ser omitido sem causar prejuízos à leitura obtida inicialmente.

Conclui-se, então, que a leitura obtida nas nominalizações no português não está, a princípio, ligada à ausência ou presença de estrutura argumental. Em trabalho anterior (cf. OLIVEIRA, 2005), observamos que a interpretação da nominalização pode ser obtida composicionalmente em articulação com propriedades sintático-semânticas do predicado em que está inserida.

Considerem-se os exemplos (12) e (13):

(12) A destruição da cidade pelos invasores americanos demorou horas.

(13) A destruição demorou horas.

Nos exemplos (12) e (13) a leitura de evento é propiciada pela expressão aspectual [*demorou horas*] presente na estrutura, a qual indica que a realização do evento se desenvolve como um processo. Dessa forma, o predicado seleciona um argumento marcado por características aspectuais, como é o nome de evento.

Considerem-se ainda os exemplos (14) e (15):

(14) A análise do livro contém duas páginas.

(15) A análise do livro ficou no arquivo.

Nos exemplos (14) e (15), a leitura de resultado é favorecida ou por um predicado que indica um atributo, como em (14), ou por um predicado que indica uma localização espacial, como em (15).

Os dados do português demonstram que o tipo de leitura da nominalização não está ligado às propriedades argumentais em si, mas a um conjunto de propriedades contidas no predicado.

Em suma, a nossa análise demonstra que a leitura de evento/processo está ligada a propriedades de desenvolvimento aspectual, que favorece uma leitura verbal, com o traço [-concreto]. A leitura de resultado, por sua vez, é favorecida por um predicado que indique um atributo ou uma localização espacial, o que faz com que a nominalização assuma traços de concretude.

Como vimos anteriormente, a nominalização de resultado pode mapear argumentos na estrutura sintática. Verifica-se, no entanto, a existência de restrições quanto à realização do argumento externo (agente), como observado nos exemplos (16) e (17):

(16) *A construção da casa pelo pedreiro fica no Grajaú.

(17) A construção da casa do pedreiro fica no Grajaú.

Como se pode observar, o exemplo (16) é agramatical³. Nesse caso, somente a realização do argumento [*a casa*] é possível. A agramaticalidade

parece ser gerada pela presença do argumento [*o pedreiro*] introduzido pela preposição *por*, um tipo de estrutura possível em um predicado que propicie a leitura de evento. Isso possivelmente ocorre porque é na leitura de evento que a noção de agente se faz necessária.

O exemplo (17) apresenta o argumento [*o pedreiro*] introduzido pela preposição *de*. A sentença é gramatical, mas a interpretação do segundo argumento não é de agente, mas de possuidor da casa. Considerem-se ainda os exemplos a seguir:

- (18) *A solicitação de verba pelo departamento está na primeira gaveta.
- (19) A solicitação de verba para o departamento está na primeira gaveta.
- (20) A solicitação de verba do departamento está na primeira gaveta.

O exemplo (18) é agramatical ou pelo menos é marginal para os falantes do português (cf. nota 3). O problema está na interpretação do elemento [*o departamento*] como o solicitante da verba. Entretanto, nos exemplos (19) e (20) a interpretação do elemento [*o departamento*] como sendo o alvo da verba, ou melhor, como o beneficiário não causa estranheza.

Tal fato nos leva a concluir que a estrutura com nominalização de resultado parece apresentar restrições quanto à expressão do argumento interpretado como agente. Essa conclusão é o ponto de partida para a discussão proposta na seção seguinte.

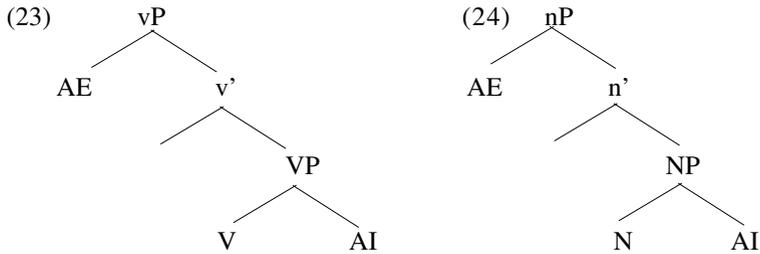
4. DIFERENÇAS ESTRUTURAIS ENTRE NOMINALIZAÇÕES DE EVENTO/PROCESSO E NOMINALIZAÇÕES DE RESULTADO

As nominalizações de evento/processo podem mapear na estrutura sintática um argumento interno, introduzido pela preposição *de* (*of* no inglês), e um argumento externo, geralmente introduzido pela preposição *por* (*by* no inglês), como ilustrado a seguir:

- (21) João comprou o carro prata.
- (22) A compra do carro prata pelo João.

A comparação da estrutura (22) com a sentença (21) demonstra que nominalizações de evento apresentam características de mapeamento

argumental semelhantes às de um verbo transitivo. Radford (2000) apresenta uma estrutura para nomes transitivos idêntica à que se tem assumido como sendo a estrutura transitiva para verbos, como demonstrado em (23) e (24), onde AI = argumento interno, AE = argumento externo, V = verbo e N = nome.



A estrutura (24) em forma de concha (*nP shell*) capta o fato de nominalizações de evento poderem mapear dois argumentos na estrutura sintática. Sabe-se, no entanto, que nem sempre os dois argumentos estão presentes, isso se deve ao fato de as nominalizações funcionarem como uma estrutura de passiva, o que possibilita a omissão do argumento interpretado como agente.

Como afirmado anteriormente, as nominalizações de resultado no português podem mapear argumentos, mas parece existir nessa classe de nomes uma restrição quanto à saturação do argumento externo, como demonstram os exemplos de (25) a (30):

- (25) *A plantação [_{Tema} de cana] [_{Agente} pelos operários] fica atrás da casa.
 (26) A plantação [_{Tema} de cana] [_{Genitivo} dos operários] fica atrás da casa.
 (27) A plantação [_{Genitivo} dos operários] fica atrás da casa.
 (28) *A organização [_{Tema} dessa casa] [_{Agente} pela Marta] é de dar gosto.
 (29) A organização [_{Tema} dessa casa] [_{Genitivo} da Marta] é de dar gosto.
 (30) A organização [_{Genitivo} da Marta] é de dar gosto.

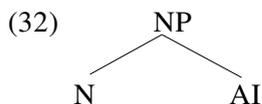
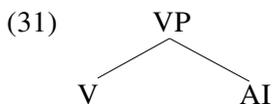
Os dois conjuntos de dados demonstram que a leitura de agente esperada em (25) e (28) para os argumentos [*os operários*] e [*a Marta*], respectivamente não é possível. No entanto, a troca da preposição *por* (típica

preposição introdutora do argumento externo) pela preposição *de* torna as sentenças gramaticais, mas a interpretação é genitiva para os argumentos com o traço [+humano]. Essa segunda interpretação é mantida mesmo quando o argumento tema não é saturado, como demonstrado em (27) e (30). A possibilidade de interpretar esses elementos como possuidores pode ser explicada pela ambigüidade da preposição *de*, que, no português, pode introduzir complementos de naturezas bem distintas.

A tendência dos falantes de interpretar o segundo argumento das sentenças (26) e (29) como um possuidor é uma evidência para demonstrar que nas estruturas com nominalizações de resultado o argumento externo (agente) não parece poder ser saturado. Nesse caso, a estrutura da nominalização de resultado se diferencia da nominalização de evento, visto que a relação com o verbo transitivo não pode ser mais estabelecida.

Dessa forma, as nominalizações de resultado apresentam um comportamento semelhante ao dos verbos inacusativos. Segundo Chomsky (1995), a única construção VP adicional é a dos verbos inacusativos que não possuem uma concha-v. Assim, a camada vP não é projetada nas estruturas com inacusativos, porque é nela que o argumento externo é saturado. Como se sabe, inacusativos são verbos com um único argumento, sendo este interno.

Com base no que foi exposto, pode-se afirmar que nominalizações de resultado possuem características de mapeamento argumental semelhantes às dos verbos inacusativos. A estrutura para verbos inacusativos e nomes de resultado é apresentada em (31) e (32):



Considerando a estrutura proposta em (32), verifiquem-se os dados em (33) e (34):

(33) A exposição [_{Tema} de quadros] [_{Genitivo/*Agente} da Luíza] será no Centro Cultural.

(34) O derramamento [_{Tema} de óleo] [_{Genitivo/*Agente} do navio petroleiro] foi na Baía de Guanabara.

No dado (33), o elemento [*da Luíza*] é interpretado pelos falantes, preferencialmente, como a proprietária de uma coleção de quadros; da mesma forma em (34) o elemento [*do navio petroleiro*] é interpretado como a fonte do derramamento, mas nunca como o agente voluntário do evento de derramar óleo. Os dados reforçam a hipótese de uma estrutura inacusativa para nominalizações de resultado.

Os fatos analisados nessa seção apontam para a postulação de estruturas diferentes para nominalizações de evento e nominalizações de resultado, considerando-se características do mapeamento argumental desses nomes em português.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo a discussão proposta, pode-se afirmar que nominalizações de resultado no português apresentam comportamento sintático distinto das nominalizações de resultado em inglês, pois esse tipo de nome no português pode mapear argumentos na estrutura sintática.

Verificamos que esse mapeamento é definido por propriedades do predicado na qual a nominalização está inserida: a interpretação de evento/processo da nominalização é favorecida em predicados marcados por traços aspectuais de evento; a interpretação de resultado é favorecida em predicados que codificam propriedades atributivas ou de localização espacial.

Verificamos ainda que nominalizações de evento/processo, por um lado, apresentam características de mapeamento argumental semelhantes às dos verbos transitivos, o que nos permite postular uma estrutura transitiva para esses nomes. Por outro lado, nominalizações de resultado apresentam características de mapeamento semelhantes às dos verbos inacusativos, o que nos leva a concluir que tais nomes possuem uma estrutura inacusativa sem a seleção do argumento externo.

Cabe ressaltar que tais conclusões são ainda preliminares e a primeira parte delas é fruto de um estudo realizado no decorrer do meu curso de mestrado. A segunda parte necessita ainda de investigação futura.

NOTAS

¹ Meu agradecimento à Profa. Heloísa Salles, orientadora da minha pesquisa de mestrado, com quem discuti as primeiras conclusões desta pesquisa. Agradeço também à Profa. Cilene Rodrigues pelas sugestões dadas a este trabalho. As falhas e incoerências que ainda permanecem são de minha responsabilidade.

² A diferença observada entre o inglês e o português pode estar ligada a processos internos à estrutura do DP que são diferentes nessas duas línguas. Um desses processos refere-se ao movimento do nome dentro do DP. Sabe-se que em português o nome se move para uma posição mais alta, gerando a ordem adjetivo + nome. (Sobre movimento de N verificar Bernstein, 2001)

³ Os dados expressos em (16) e (18), assim como outros que apresentam o mesmo formato (dados (25) e (28)) são considerados pela presente análise como agramaticais, mas cabe registrar que existe certa divergência entre os falantes consultados quanto ao julgamento desse tipo de dado. Para alguns falantes, eles são apenas marginais, ou seja, pouco passíveis de produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNEY, Steven Paul. *The English Phrase in its Sentential Aspect*. 1987. Tese (Doutorado) - MIT / Cambridge.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BERNSTEIN, Judy. The DP Hypothesis: Identifying Clausal Properties in the Nominal Domain. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris (Ed.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Malden, MA / Oxford: Blackwell, 2001.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

GRIMSHAW, Jane. *Argument Structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

OLIVEIRA, Déborah Christina M. *Nominalizações no português do Brasil: aspectos morfosintáticos e semânticos*. 2005. Dissertação (Mestrado) - UnB.

RADFORD, Andrew. NP Shells. *Essex Research Reports in Linguistics*, v. 33. p 2-20, November 2000.